

Os ditongos do latim ao português

Laura Rosane Quednau

Resumo: O presente trabalho trata da evolução dos ditongos já existentes e do surgimento de novos ditongos do latim ao português, analisando a motivação de sua redução quando esta ocorre. Para tanto, apresentamos cada ditongo separadamente, trazendo informações sobre a sua forma em latim clássico, latim vulgar e português. Além disso, tratamos de outros processos de formação de ditongos em português, uma vez que o português possui um número maior de ditongos do que o latim. Por fim, apresentamos um quadro-resumo, sintetizando as informações mais importantes do trabalho: quais ditongos permaneceram, quais foram reduzidos, quais surgiram por outros processos e quais são as causas da formação de ditongos em português.

Palavras-chave: Ditongo. Latim. Redução.

Abstract: This paper presents a study about diphthongs passage from Latin to Portuguese, ranging from lost diphthongs to the newly created ones. For this, we analyse each diphthong separately, providing information about its form in Classical Latin, Vulgar Latin and Portuguese. Further, we discuss other processes of diphthong formation in Portuguese, since this language has a larger variety of diphthongs than Latin. Finally, we present a chart summarizing the most important issues discussed in our work: which diphthongs lasted, which were reduced, which were produced and what are the causes of this reduction and of diphthong formation along the history of Portuguese.

Key words: Diphthong. Latin. Reduction.

1 Introdução

Do latim clássico ao vulgar, nota-se redução a uma única vogal dos ditongos *ae*, *au* e *oe*:

- *caehu* → *c[e]lu*
- *tauru* → *t[ow]ro / t[o]ro*
- *poena* → *p[e]na*

Percebe-se que há uma resistência maior para *au*, que apresenta variante [o]. Segundo Ilari (1992), Câmara Jr. (1957), Coutinho (1976) e Maurer Jr. (1959), entre outros, há também a criação de novos ditongos pela queda de consoantes intervocálicas ou pela vocalização de consoantes:

- *amavi* → *ama[j]*
- *malu* → *ma[w]*
- *lege* → *le[j]*
- *alteru* → *o[w]tro*
- *absentia* → *a[w]sência*

A partir dessas observações, verificamos a necessidade de reunir informações sobre como tem sido descrita a evolução dos ditongos já existentes e o surgimento de novos ditongos do latim ao português, analisando a motivação de sua redução quando esta ocorre. Para tanto, apresentamos cada ditongo separadamente, mostrando como cada um se comporta nos três estágios analisados: latim clássico, latim vulgar e português. Tratamos, também, de algumas causas de formação de ditongos em português, mostrando como surgiram, em português, ditongos que não existiam em latim. Por fim, apresentamos um quadro-resumo, sintetizando as informações mais importantes do trabalho: quais ditongos permaneceram ((*au*), (*eu*), *ui*, *ai*), quais foram reduzidos (*ae* → [ɛ], *oe* → [e], *au* → [ow]/[o], *eu* → [o] e [u]), quais surgiram por outros processos (*au*, *ei*, *ai*, *ou*, *oi*) e quais são as causas da formação de ditongos em português (síncope, vocalização, metátese, epêntese).

2 A evolução dos ditongos do latim ao português

O latim clássico apresentava os grupos de letras *ae* e *oe*, que se enunciavam como /e/ e no latim vulgar sofreram, respectivamente, a evolução do /ê/ e do /ē/. Um ditongo decrescente /au/, escrito *au*, apresentava uma variante /o/, que a disciplina gramatical rejeitava, mas muito cedo se tornou preponderante em Roma e em grande parte da România (Câmara Jr., 1957). Segundo Faria (1970), os ditongos mais frequentes no latim clássico eram *ae* e *au*. Os ditongos *oe*, *eu* e *ui* eram raros, ocorrendo em poucas palavras.

Maurer Jr. (1959) afirma que a língua vulgar conservou *au*, mas reduziu cedo *ae* e *oe* a simples vogais longas ([ɛ:] e [e:]). Alguns ditongos novos surgem mais tarde pela queda de consoantes (*malu* > *mau*, *lege* > *lei*, *vadi(t)* > *vai*), por metátese de *i* e de *u* (*prima-rii* > *primeiro*), etc.

Em português, os ditongos são latinos ou românicos, conforme remontam ao latim, ou só aparecem na época da formação do romance. A tendência para se reduzirem ditongos latinos a simples vogais ascende ao próprio latim vulgar, onde encontramos formas como *celebs* (caelebs), *sepis* (saepis), *clostrum* (claustrum). Trazemos exemplos apresentados por Coutinho (1976) sobre como se dá a passagem desses ditongos do latim ao português.

Passemos a tratar, então, de cada um dos ditongos.

2.1 Ae

O ditongo *ae* era pronunciado como um ditongo, soando distintamente o *a* e o *e*, como referem os gramáticos latinos. Às vezes encontra-se a grafia *ai* ao invés de *ae* na literatura, como, por exemplo, em um poema de Virgílio, *pictai uestis e aquai*. A pronúncia ditongada do *ae* latino é ainda atestada em exemplos como *Caecilia*, *Caesar* e *Caesares*. As inscrições latinas, mesmo as da época imperial, apresentam o ditongo *ai* em vez de *ae*: *Ti. Claud. Caisar*.¹

A pronúncia como monotongo ([ɛ]) era considerada pelos romanos como um rusticismo, e por isto condenada pelos gramáticos. A alternância de *ae* e *ɛ* se observa nos representantes românicos de

- *caelum* (port. céu, esp. cielo, prov. e cat. cel, franc. ciel, it. cielo)
- *quaerere* (port. e esp. querer, prov. querre, fr. ant. querre, it. chiedere)

Vale lembrar que temos três tipos de pronúncia em latim: pronúncia reconstituída, vernacular e eclesiástica ou italiana. Interessam-nos as duas primeiras. A pronúncia reconstituída é a que tenta reconstituir como o latim clássico era pronunciado. Para tanto, os estudiosos buscam amparo em informações dos próprios gramáticos latinos e nas semelhanças encontradas entre as diversas línguas românicas. O segundo tipo de pronúncia referido, a pronúncia vernacular, é o que se aproxima mais da língua materna de cada país de língua românica. Assim, o ditongo *ae* é pronunciado como

- pronúncia reconstituída: *ae* = *ai* [aj]
- pronúncia vernacular: *ae* = [ɛ]

¹ Encontrava-se, nas inscrições latinas, *ai* ao invés de *ae* porque essas inscrições são da época imperial, fase pós-clássica do latim. A alteração supracitada demonstra a forma como esse ditongo era pronunciado.

Portanto, o tipo de pronúncia corresponde ao que se sabe sobre esse ditongo em latim clássico e em português: em latim é pronunciado [aj] e, em português, passou a [ɛ]. É importante ressaltar que, quando *ae* é pretônico, reduz-se a *i* ou *e*:

aequale > *igual*
aetate > *idade*
laetitia > *leição (arc.)*
aestivu > *estio*
aestimare > *esmar (arc.)*

Por outro lado, *ae* tônico dá [ɛ]:

caelu > *céu*
caecu > *cego*
praesto > *presto*
saepe > *sebe*
faece > *fezes*

Devem ser de origem dialetal

praeda > *pera* > *preia (presa)*
saet > *seda*

Nas inscrições hispânicas, esse ditongo aparece reduzido a *e* do século I em diante.

2.2 Au

O ditongo decrescente [aw], escrito *au*, era pronunciado como um verdadeiro ditongo, prática esta consagrada mesmo na pronúncia tradicional portuguesa e brasileira. Entretanto, apresentava uma variante [o], que se tornou comum em Roma e nas províncias distantes. Essa redução de *au* a *o* é uma alteração muito observada pelos gramáticos latinos. Maurer Jr. (1959), entre outros autores, apresenta dois exemplos interessantes da pronúncia vulgar do ditongo *au*:

- Suetônio conta que Vespasiano, corrigido por Floro quando dizia *plostrum* em lugar de *plaustrum*, no dia seguinte cumprimentou-o, chamando-lhe *Flaurum* (por *Florum*).

- Claudius Pulcher, em 59 a.C., se fez adotar por uma família plebéia, para poder ser eleito tribuno da plebe, mudando seu nome para *Clodius*. Lindsay supõe que ele mesmo tenha adotado a forma *Clodius* por *Claudius* para conquistar a simpatia da plebe.

Há um caso em que o ditongo *au*, quando é átono e está em início de palavra, se reduz a *a*, se a sílaba seguinte tiver *u*. Ex.: *Agusto* por *Augusto* (ocorre nas inscrições em Pompéia). Isso é amplamente confirmado pelas formas românicas, o que se vê pelos derivados dos termos latinos, como *augustu* (it. *agosto*, fr. *août*, esp., *agost*, port. *agosto*.)

Em português, *au* transforma-se em *ou*. Provavelmente *au* → *ou* → *o* (passou a *ou* e variavelmente para *o*).²

thesauru > *tesouro*
tauru > *touro*
paucu > *pouco*
causu > *cousa*
lauru > *louro*
auru > *ouro*
raucu > *rouco*
pausare > *pousar*

Desde o império, por influência dialetal, tendia este ditongo a transformar-se em *o* na língua da plebe. Assim se justifica que esteja representado também, em português, por *o*.³

paupere > **popere* > *pobre*
auricula > *oric(u)la* > *orelha*
fauce > *foce* > *foz*
cauda > *coda* > *côa (arc.)*

Conforme Vasconcellos (1900), são de origem erudita, ou introduzidas na linguagem popular em tempos relativamente recentes, as palavras portuguesas que retêm o ditongo *au*, como *claustro*, *náusea*, *causa*, *pausa*, *lauda*, *caule*, *cauda*, *aula*, etc.

2.3 Oe

O ditongo *oe* era relativamente raro no período clássico, aparecendo mais freqüentemente em palavras gregas introduzidas no latim, onde é empregado para transcrever o ditongo grego

² Niedermann (1953) resalta que *ou*, herança do indo-europeu transformou-se em *ú* em latim no fim do III séc. a.C. Exemplos:

jouxmentum > *jumentum*
noutrix > *nátrix*

Da mesma forma que *ei*, antes de transformar-se em *i*, passou por *z*, a passagem de *ou* a *ú* deu-se pela etapa intermediária *o*: *Locina* (*Lōctna*) de *Loucina*.

³ No português, o ditongo *ou* também alternou com *oi* (*cousa* ~ *coisa*).

oi, o que já é um indício de sua pronúncia ditongada na língua de Roma.⁴ Exemplos:

- *comoedia*
- *tragoedia*

Vale lembrar:

- pronúncia reconstituída: *oe* = *oi* [oj]
- pronúncia vernacular: *oe* = [ɛ]

Em português, *oe* reduz-se a [e]:

- foedu* > *feio*
- foetere* > *feder*
- foetore* > *fedor*

Desde o século I, encontra-se este ditongo representado por *e* nas inscrições hispânicas: *ceperint* (<*coeperint*>), *Phebus* (<*Phoebus*>). Vasconcellos (1900) cita mais dois exemplos:

- foenum* > *feno*
- obscoenum* > *obsceno*

2.4 *Eu*

O ditongo *eu* era raríssimo em latim, aparecendo quase que unicamente em nomes próprios vindos do grego:

- Eurípides > Eurípides (gr.)
- Orpheus > Orphéus (gr.)

Os exemplos encontrados apontam três caminhos para a evolução do ditongo *eu*: a) *eu* → *o*; b) *eu* → *ou* → *u*; c) contração de *e* + *u* (sem redução), originária de *au*.

a) O ditongo *eu* parece ter evoluído para *o* na língua falada, como se vê no seguinte item do *Appendix Probi: ermeneumata non erminomata* (nº 190) e em outros documentos latinos, mas, como já no caso do ditongo *oe*, antes referido, as palavras que apresentavam *eu* deviam ser excepcionais no uso vulgar, de modo que quase nada se encontra nas línguas românicas a respeito deste ditongo.

⁴ De acordo com Niedermann (1953), em *poena, Poenus, foedus-eris, foedus, a, um*, um antigo *oi* é substituído por *oe*, tanto que seus derivados, *pūntre* e *Pānicus* demonstram o comportamento comum do ditongo *oi*. Parece então que a passagem de *oi* a *ū* foi impedida por uma oclusiva ou uma sibilante labial precedente, salvo se a sílaba seguinte contivesse um *i*. Observa-se aí o fenômeno de harmonização vocálica.

Em português, *eu* condensa-se com *o* na linguagem popular:

- Eusebiu* > *Osébio*
- Eulália* > *Olália*
- Eugênio* > *Ogênio*
- Europa* > *Oropa*

Em *leuca* > *légua* houve metátese. Este fenômeno ocorreu em número muito reduzido de palavras latinas.

b) Segundo Niedermann (1953), *eu* passa a *ou*, depois a *ū*. A passagem de *eu* a *ou* teve lugar na época pré-literária, e o latim não nos fornece nenhum exemplo do ditongo primitivo *eu*. A comparação de línguas congêneres nos permite afirmar que, por exemplo, o *ū* de *dūcō* remonta a um antigo *eu* (a forma intermediária *doucō* é atestada, encontrando-se *abdoucīt*). No que diz respeito às línguas românicas, encontramos *c(e)leusma*, do qual vem o it. *ciurma* (do genovês *ciurma*), donde certamente port. *chusma* ou *churma*.

c) Ainda, segundo Niedermann, as leis apofônicas⁵ nos autorizam a passar por exemplo *accus(s)o* "eu acuso" à *adceus(s)o*, originário de **adcaus(s)o*. Em todas estas palavras, *eu* provém de uma contração posterior de *e+u*. O ditongo *eu* figura em certas interjeições, a saber, *heu*, *eheu*, (exclamações de dor). Comparemos *heu miserō mihī!* (Plauto, *Merc.* 661), *heu, me miserum!* (Terêncio, *Hec.* 271) e *eheu! Huic illud dolet* (Plauto, *Capt.* 152) e nessas poderiam não seguir a evolução lingüística normal.

2.5 *Ui*

O ditongo *ui*, absolutamente excepcional, ocorre apenas na interjeição *hui*, e em raras contrações ou sinéreses encontradas nos poetas, como *fluitat* ou nos dativos *cui*, *huic* e genitivos *cuius*, *huius*. Pronuncia-se como o ditongo português *ui*.⁶

⁵ Leis que se referem à alteração na estrutura fonológica de um elemento vocabular, especialmente troca de uma vogal.

⁶ Segundo Faria (1957), a pronúncia do *i* consonântico diferia da pronúncia do *i* vocálico, apenas pelo fato de se apoiar à vogal seguinte com a qual passava a formar uma única sílaba, desempenhando, assim, o verdadeiro papel de consoante. O mesmo acontecia ao *u* consonântico, razão pela qual os gramáticos latinos com frequência se referem a *i* e *u* passarem a consoantes.

A métrica latina oferece comprovação segura da quase identidade de pronúncia do *i* vocálico e do *i* consonântico e do *u* vocálico e do *u* consonântico, admitindo o emprego ora do *i* ora do *u* vogais como consoantes (contração de duas sílabas em uma só - sinérese), ora, ao contrário, contando como vogais (divisão do ditongo em duas sílabas - diérese).

Assim, o *i* de *Lavinia*, ainda que seja propriamente vogal, é contado como consoante no seguinte verso:

2.6 Ai

Alguns ditongos novos surgem mais tarde pela queda de consoantes, por metátese de *i* e de *u*, etc. Desses, *ai* da 1ª pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo dos verbos da 1ª conjugação ocorre certamente já no latim vulgar, como *amai* (que, em português, dá *ei*: **amai*>*amei*), e em algumas formas reduzidas do verbo *habeo*. Mais tarde este ditongo tornou-se muito comum.

2.7 Qu [kw]

Além dos ditongos referidos anteriormente, aparece o ditongo decrescente *qu* [kw], que pode ser considerado um mero /k/ labializado.

Com vogal silábica crescente havia apenas /u/ depois de oclusiva posterior (na escrita *qu-*, *gu-*), mas era também um ditongo instável e na própria língua clássica havia hesitação entre [k] e [kw] (cf. *cotidie* e *quotidie* e a pronúncia de *quis* como [kis], que um gramático latino consigna). Vale lembrar que, em português, ocorre ditongo quando [kw] é seguido por *a* (*quadro*), *i* (*equidade*), e (*sequelado*) ou *o* (*aquoso*).

2.8 Outros casos de formação de ditongos em português

O português possui um número muito maior de ditongos do que o latim. Várias são as causas que concorreram para isso (exemplos de Coutinho, 1976):

- a) a síncope:
malu > *mau*
palu > *pau*
lege > *lei*
rege > *rei*
vadi(t) > *vai*

De acordo com Câmara Jr. (1957), ocorre ditongação resultante do esvaimento de certas consoantes sonoras intervocálicas. Se a segunda vogal era média ou alta, e átona, a sua subordinação à precedente criou ditongo decrescente: *malu*>*mau*, *caelu*>*céu*, *dedi*>*dei*, *magis*>*mais*.

Italiam fato profugus Laoninaeque venit (Verg., En., 1, 2)

O *u* vocálico também aparece com o valor de consoante em *tenuia*:

Tenuia nec lanæ per caelum uelleræ ferri (Verg., G., 1, 397)

Ao contrário, o *i* e o *u* consonânticos aparecem como vogais nas palavras *siluæ* e

Veius nos seguintes versos:

aurarum et siluæ metu (Hor., Od. 1, 23, 4)

Fortè super portæ dux Veius astitit arcem (Prop., 4, 10, 31).

- b) a vocalização em certos grupos consonantais:

alt(e)ru > *outro*
factu > *feito*
conceptu > *conceito*
absentia > *ausência*
regnu > *reino*
falce > *foice*
salu > *souto*
cap(i)tale > *caudal*

Ocorre também um processo de redução das oclusivas de travamento de sílaba, em posição não-final, com a passagem a vogais assilábicas /i/ ou também /u/: *lectu*>*leito*, *octo*>*oito*, *actu*>*auto*, *salto*>*sauto*>*souto*, etc.

- c) a metátese:

primariu>*primeiro*
librariu>*livreiro*
ferrariu>*ferreiro*
denariu>*dinheiro*
op(e)rariu>*obreiro*

Em todos estes exemplos, em que a transposição do *i* é antiga, *ai* deu regularmente *ei*. Em caso contrário, isto é, quando se operou em época mais recente, *ai* não se modificou:

capiam > *caiba*
sapiam > *saiba*
apiu > *aipo*

- d) a epêntese:

area (<*arena*) > *areia*
creo (<*credo*) > *creio*
tea (<*tela*) > *teia*
freo (<*frenu*) > *freio*

A predominância do acento, que caracteriza o latim vulgar, como vimos, estabelece um forte contraste entre a sílaba tônica e as átonas. A consequência foi a ditongação da vogal silábica tônica com a vogal silábica a ela contígua, em hiato, porque esta se reduziu e se subordinou estreitamente àquela. Daí os dissílabos do latim clássico do tipo *deus*, *fuit*, *fui* terem dado ditongos nossos decrescentes do tipo /*deus*/, /*foi*/, /*fui*/.

É já da fase intermediária entre o período arcaico e o moderno, dentro do português, a ditongação por divergência das geminadas /*ee*/ pela queda de /*d*/ intervocálico, como reflexo de /*t*/ latino, ocorrida limitadamente na desinência da 2ª p.pl. dos verbos: *sabees*

(de *sabedes*)>*sabeis*. O fato também se deu com formas verbais esdrúxulas (amásse*des*>amásse*es*>amásse*is*), por onde, aliás, deve ter começado (num ambiente fonético propício a um /d/ particularmente débil), determinando o aparecimento de /ei/ átono, como antes sucedera com os plurais de adjetivos (facile*s*>face*es*>face*is*).

3 Considerações finais

Enfim, buscamos através desse trabalho, mostrar como se deu a evolução dos ditongos do latim ao português, verificando

- quais permaneceram: (au), (eu), ui, ai;
- quais foram reduzidos: ae → [ɛ], oe → [e], au → [ow]/[o], eu → [o] e [u];
- quais surgiram por outros processos: au, ei, ai, ou, oi.

Apresentamos, a seguir, um quadro-resumo sintetizando nossas observações mais importantes.

Ditongo	Latim clássico	Latim vulgar	Português
AE	ae: <i>Caecilia</i> ai: <i>pictai; aquai</i>	[ɛ]	i: <i>aequale</i> > <i>igual</i> e: <i>aestivu</i> > <i>estio</i> [ɛ]: <i>caelu</i> > <i>céu</i>
AU	[aw]: <i>†fawru</i>	au→[ow]: <i>†fowru</i> au→[o]: <i>†fofru</i>	au: <i>claustru</i> , <i>causa</i> au→[ow]/[o]: <i>tauru</i> > <i>touro</i> <i>thesauru</i> > <i>tesouro</i> <i>paupere</i> > <i>pobre</i>
OE	oe: <i>comoedia</i> oi: <i>com[o]idia</i>	oe→[e]: <i>p[ɛ]na</i>	oe→[e]: <i>foetere</i> > <i>feder</i> <i>foenum</i> > <i>feno</i>
EU	eu: <i>Euripides</i>	eu→[o]: <i>erminomata</i> > <i>ermeneumata</i> eu→[u]: <i>abdoucit</i> > <i>duco</i>	eu→[o]: <i>Eusébio</i> > <i>Osébio</i> eu→[u]: <i>duco</i> > <i>conduzir</i>
UI	ui: <i>hui</i>		ui: <i>cuidado</i> , <i>circuito</i>
AI		ai: <i>amai</i>	ai: <i>amai</i>
KW	[k]: <i>cotidie</i> [kw]: <i>quotidie</i>		[kw]a: <i>quadro</i> [kw]i: <i>equidade</i> [kw]e: <i>sequelado</i> [kw]o: <i>aquoso</i>

Apresentamos também um quadro-resumo sobre as causas da formação de ditongos em português por ditongo.

Ditongo	a) síncope	b) vocalização	c) metátese	d) epêntese
AU	<i>malu</i> > <i>mau</i>	<i>absentia</i> > <i>ausência</i>		
EI	<i>lege</i> > <i>lei</i>	<i>conceptu</i> > <i>conceito</i>	<i>primariu</i> > <i>primeiro</i>	<i>area</i> (< <i>arena</i>)> <i>areia</i>
AI	<i>vadi</i> (t)> <i>vai</i>			
OU		<i>alteru</i> > <i>outro</i>		
OI		<i>falce</i> > <i>foice</i>		

Vale ressaltar que o único ditongo que não tinha aparecido anteriormente é *ei*, que é formado por processos peculiares ao português. Esse ditongo pode ser pronunciado como ditongo ([ej]: *p[ej]xe*) ou ser monotongado (*pexe*).

Referências

- CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1957.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.
- FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- NIEDERMANN. *Précis de phonétique historique du latin*. 3. ed. rev. et augmentée. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1953.
- VASCONCÉLLOZ, A. G. R. de. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Paris: Typ. Ailland, Alves et Cie., 1900.